

POR UM OLHAR NÃO TRIVIAL SOBRE A CONSTRUÇÃO CIENTÍFICO- PEDAGÓGICA DO DISCURSO DA/SOBRE A LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

Adriana Pozzani de La Vielle e Silva¹

adriana.vielle@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo é enunciado desde uma posição não trivial: embora filiado à Análise do Discurso, não se ocupa de clássicas indagações que esta teoria dirige à Linguística, e sim se interessa, notadamente, pela análise do “discurso da Linguística saussuriana”, graças ao qual a Linguística se consagrou enquanto ciência. Assim, ao tomar por *corpus* o *Cours de Linguistique Générale* e enfatizar que o referido livro não foi escrito por Saussure, este trabalho analisa algumas sequências discursivas ali presentes, a fim de pensar a “costura” de saberes e os efeitos de sentido nessa materialidade e responder às seguintes questões: que outros discursos atravessam o discurso da Linguística saussuriana? Que espécie de relações tal discurso estabelece com saberes de outras procedências interdiscursivas?

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; imaginário; sentido.

INTRODUÇÃO

Defende-se, no presente artigo, a possibilidade de adotar uma posição não trivial (vale dizer, uma posição descompromissada com quaisquer modos de embate teórico-ideológico) em Análise do Discurso, para abordar a Linguística saussuriana, o que significa, pois, não evocar aqui as clássicas indagações que um ponto de vista discursivo geralmente dirige a tal vertente linguística. Diferentemente disso, o interesse deste escrito recai, precisamente, sobre a construção do que se pode designar por “discurso da Linguística saussuriana”, graças ao qual a Linguística se consagrou como ciência. Assim, este trabalho analisa algumas sequências discursivas presentes no bastante consagrado *Cours de Linguistique Générale* (CLG) – o qual, enfatize-se desde já, não foi escrito por Saussure –, a fim de pensar sobre a costura de saberes e os efeitos de sentido nessa materialidade discursiva.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Ao tomar o texto do referido livro como materialidade discursiva, ou seja, como meio de acesso ao discurso, e ao remeter este último não só às condições de sua produção, mas, notadamente, à dispersão e à memória, este artigo propõe uma reflexão que responda às seguintes questões norteadoras: partindo-se do *pressuposto* de que o discurso da Linguística saussuriana é constitutivamente heterogêneo, que outros discursos o atravessam? Que tipo de relações tal discurso estabelece com saberes de outras procedências interdiscursivas, quando, pelo trabalho de um sujeito, costura-os a si mesmo?

Tendo sido exposto o que precede, cabe adiantar ao leitor o percurso a ser aqui efetuado: inicialmente, resgatam-se as condições de produção do *Cours*, na medida em que: a) esse livro apresenta-se como uma via de acesso ao discurso historicamente atribuído a Ferdinand de Saussure; e b) não há possibilidade de efetivamente analisar as formulações ali presentes se as mesmas forem desvinculadas de tais condições de produção. Em seguida, focalizam-se tanto o posicionamento epistemológico graças ao qual o mencionado genebrino consagrou-se como pioneiro na sistematização das bases científicas da Linguística, quanto o caráter pedagógico de “seu” discurso, enfatizando-se os lugares discursivos em jogo e o modo por que Saussure, a partir da imagem que construía de seus discípulos, entreteceu os mais variados saberes interdiscursivos.

1. O SURGIMENTO DO CURSO: UM BREVE OLHAR SOBRE OS PREFÁCIOS

A edição brasileira do *CLG* (1975) traz dois prefácios: aquele escrito por Bally e Sechehaye (os editores), referente à primeira edição (no caso, francesa, em 1916), e o outro, escrito por Salum para a edição brasileira.

Bally e Sechehaye apontam que o mestre genebrino frequentemente se queixava sobre a “insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Linguística em cujo ambiente seu gênio se desenvolveu” (1975: 1). Mencionam também que, apenas em 1906, por ocasião de suceder a Joseph Wertheimer na Universidade de Genebra, Saussure pôde divulgar – especialmente através dos cursos que ministrou – as ideias a cujo desenvolvimento se dedicara durante tanto tempo (ainda que, no decorrer dos cursos, tivesse de consagrar boa parte do tempo disponível à abordagem de questões ligadas às línguas indo-europeias).

O prefácio traz ainda considerações acerca dos percalços por que passaram os editores, diante da tarefa de elaborar o livro, no decorrer do levantamento e organização de material; ora, eles acreditavam, inicialmente, na possibilidade de uma publicação fundada na mera articulação entre anotações pessoais do mestre, de um lado, e notas de estudantes, de outro. E

diante da impossibilidade de tal procedimento, os referidos editores empenharam-se em uma reconstituição que partiu do terceiro curso. Bally e Sechehaye apontam também que Saussure jamais pretendeu abordar “todas as partes da Linguística”, ou projetar sobre todas elas “uma luz igualmente viva”, o que vem a explicar, segundo eles, o fato de que “disciplinas” como a semântica, por exemplo, “mal tenham sido afloradas” (*idem*: 4).

Finalmente, é importante que se destaque o reconhecimento, por parte dos editores, da responsabilidade que estavam assumindo perante Saussure, que “não teria talvez autorizado a publicação”, e perante a crítica, à qual solicitavam que soubesse diferenciar “entre o mestre e seus intérpretes” *a fim de dirigir somente a estes últimos* todo e qualquer “golpe” que eventualmente se pretendesse contra o livro ora organizado. (Mesmo assim, vê-se, até hoje, tanta gente criticar Saussure...).

Já Salum comenta que, num momento em que a Linguística vive uma fase de ebulição, o *Curso* é considerado um livro clássico, que não se pretende uma “bíblia” da Linguística moderna, mas o ponto de partida de uma problemática sempre atual. Ao mencionar a questão da autoria, Salum afirma que, nesse âmbito, o *CLG* coloca em cena problemas relacionados às distorções entre os apontamentos dos estudantes e aquilo que, de fato, teria sido *dito* por Saussure², lembrando ainda que este último, em decorrência das limitações discentes, via-se diante da necessidade de simplificar suas teorizações sobre Linguística. Saussure, sendo um professor, “ministrou suas aulas durante o período compreendido entre os anos 1907-1911 e, como todo professor, refez o seu pensamento inúmeras vezes, buscando encontrar meios de explicá-lo” (Flores, 2003: 46). Para Flores (*idem*), aliás, “é de fundamental importância não perder de vista o fato de que o *Curso* é a tentativa de síntese do exercício de docência de uma área – a Linguística – da qual pouco se sabia até então”.

Vale dizer, ainda, que, embora Saussure destruísse os rascunhos nos quais traçava diariamente o esboço de suas exposições para os cursos, ele deixou valiosos manuscritos (sobre diversos assuntos) cuja publicação póstuma reforçou, segundo Salum, a necessidade de uma edição crítica do *CLG*, lançada em 1968.

Considerar, pois, o *Cours* como resultado de uma compilação efetuada pelo trabalho daqueles que não frequentaram os cursos ministrados por Saussure, e que, em consequência disso, se valeram muito mais de anotações discentes do que de um ou outro escrito do mestre, é fundamental, é “determinante para o tipo de leitura que se pode imprimir ao livro” (Flores: 45). E, muito mais ainda, é determinante para um exame das metáforas presentes no *Curso*,

² Ou poderia ter sido escrito, se Saussure tivesse planejado elaborar um livro acerca de seus três cursos, cada qual com um enfoque distinto, ministrados em 1907, 1908-09 e 1910-11.

uma vez que nada garante que tais metáforas – ao menos, em parte – tenham, de fato, sido construídas pelo próprio Saussure. Nesse sentido, é essencial considerar também a existência de uma relação discursiva que, justamente por meio do *Cours de Linguistique Générale*, se estabelece entre os editores-autores e os leitores por eles presumidos para o livro em questão.

2. UM DISCURSO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO

O discurso da Linguística saussuriana, dadas as condições de sua produção, mobiliza duas instâncias de relações entre sujeitos, quais sejam: de um lado, a relação entre professor e alunos (no caso, entre Saussure e seus discípulos), e, de outro, a relação entre os editores-autores Bally/Sechehaye e os leitores, relações essas que são, ambas, marcadas por um caráter bastante pedagógico.

Vale lembrar, com De Mauro (1972, nota 129), que é fundamental não perder de vista que “o discurso [do *CLG*] se desenvolve [...] em uma direção evidentemente didática”, de modo que isso deve ser sempre considerado diante de qualquer análise daquilo que, no *Cours*, se encontra formulado.

No discurso da Linguística saussuriana, portanto, a preocupação maior está no modo como o interlocutor *B* (de um dado sujeito *A*) construirá uma imagem *I* de um referente *R*, o que, em Análise do Discurso, pode ser expresso assim: $I_B(R)$. Essa questão da imagem apoia-se em considerações de Pêcheux acerca do que este designa por formações imaginárias em seu famoso trabalho intitulado *Análise Automática do Discurso*.

Pêcheux (1993) afirma que, nos processos discursivos, funcionam diversas formações imaginárias a designar o lugar atribuído por *A* e *B* a si e ao outro, bem como “a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (*idem*: 85). Tais formações, aliás, resultam sempre de processos discursivos anteriores (provenientes de diferentes condições de produção) que, embora tenham deixado de funcionar, deram origem a “tomadas de posição’ implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco” (*ibid.*). Pêcheux considera, ainda, que “a percepção é sempre atravessada pelo ‘já-ouvido’ e o ‘já-dito’, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias” [...] (*idem*: 85-6).

Movendo tais explanações teóricas ao âmbito daquilo que aqui se está a analisar, pode-se, pois, dizer que, no tocante à relação entre professor-alunos, o que Saussure (ainda que um tanto desconfortável com os prejuízos teórico-epistemológicos decorrentes de tal gesto) acabava por ter de privilegiar consistia: a) na construção da imagem do referente pelos alunos – $I_B(R)$ – a partir da imagem que o próprio Saussure fazia destes últimos – $I_A(B)$ –; e b) na

imagem que o mestre genebrino hipotetizava, antecipava que os alunos poderiam (ou não) vir a construir do referente – no caso, $I_A[I_B(R)]$.

Da mesma forma, também na relação discursiva entre os editores-autores e os leitores (dadas as condições sócio-históricas de produção do *CLG*, evidentemente) deve ser levada em conta a possibilidade de que igualmente os editores-autores viessem a privilegiar a imagem que seus interlocutores – os sujeitos que leriam o livro – construiriam acerca daquilo que estava sendo colocado no *Cours* (em especial, pelo modo *como* o estava). Em outros termos, está-se dizendo aqui que, para analisar a linearização de saberes interdiscursivos e, ainda, a construção de efeitos de sentido em formulações do *CLG*, é necessário admitir, também, que os sujeitos editores-autores, situados no lugar de A, anteciparam uma relação de B com o referente; logo, também neste caso existe $I_A[I_B(R)]$.

O funcionamento das formações imaginárias no discurso da Linguística saussuriana tem, pois, um papel determinante na construção da materialidade do *Cours* e, por aí, na promoção de uma costura entre diversos saberes provenientes das mais variadas formações discursivas. Desse trabalho de costura tratará a próxima seção.

3. AS RELAÇÕES DE SENTIDOS NO DISCURSO DA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

Segundo consta no *CLG* (1975), embora a Gramática Comparada (terceira das fases que antecedem a Linguística-ciência) tenha contribuído ao se destacar por abrir um campo novo e fecundo no âmbito dos estudos que até então vinham sendo feitos, não constituiu, porém, a verdadeira ciência Linguística. E isto porque jamais se preocupou em estabelecer a natureza de seu objeto, em constituir um método para si, operações essas sem as quais uma ciência não pode, portanto, pretender-se como tal.

A grande questão, para Saussure, residia então em constituir objeto e método precisos, que pudessem tornar a Linguística uma “verdadeira ciência”. Ao instaurar o objeto *língua* a partir da assunção de certo posicionamento teórico-epistemológico (e não de outros), Saussure procura definir esse objeto e igualmente expor o método então passível de, efetivamente, dar conta de tal objeto.

Pois bem, na tentativa de direcionar o sentido que deveria ser atribuído pelos discentes às definições que progressivamente enunciava, Saussure valia-se, por exemplo, de metáforas. Algumas são clássicas, como a do jogo de xadrez, tão conhecida em nosso meio acadêmico quanto a de que a língua é um “tesouro”. E como lembra Flores (2003: 47), trata-se aí de um recurso didático.

Evocar as metáforas presentes no *CLG* – sem perder de vista, aqui, o dilema da autoria das mesmas, como já foi comentado mais acima, na seção 1 – permite pensar nas relações de sentidos, sobretudo, nos deslocamentos que se estabelecem por meio das formulações de um sujeito que se encontra atravessado pelos mais variados discursos.

Se se observarem atentamente algumas das formulações que compõem o *CLG*, poder-se-á perceber determinados termos que remetem a discursos tradicionalmente inscritos em outros domínios de saber que não a formação discursiva (FD) da Linguística. Tais termos migram para o interior desta FD por meio de um trabalho discursivo do sujeito, na medida em que este último apropria-se desses saberes e lineariza-os (Indursky, 2001) em seu discurso (procedimento através do qual cada um dos termos em questão passa a estabelecer relações de sentidos que, até então, eram, de certa forma, impensadas). Por meio de seu trabalho de textualização³, o sujeito articula ao discurso da Linguística outros discursos, os quais, uma vez emergindo como transversos, remetem para o interdiscurso. Vejam-se, a partir de agora, os principais casos.

Ao discorrer a respeito do pensamento linguístico precedente, Saussure diz que os comparatistas “consideravam o desenvolvimento de duas línguas como um naturalista o crescimento de dois vegetais” (*CLG*, 1975: 10). Ou seja: havia uma visão segundo a qual a língua era como que um “quarto reino da Natureza”. Já formulações como: o ato individual é o “*embrião* da linguagem” (*ibid.*: 21), os fatos linguísticos se propagaram “*por contágio*” (*ibid.*: 239), ou “objeções que fariam certos linguistas debruçados sobre o *microscópio* fonológico” (*ibid.*: 258), levam a perceber que são incorporados ao fio do discurso saberes do campo da Biologia. Por sua vez, no que concerne ao estudo do fonema, sobretudo em termos de implosão e explosão, encontra-se na página 66: “fala-se de *P* como se se falasse de uma espécie zoológica: existem exemplares machos e fêmeas, mas jamais um exemplar ideal da espécie”. Na distinção entre as Linguísticas interna e externa, encontra-se a comparação entre a planta (enquanto vegetal sujeito a modificações “no seu organismo interno” por fatores externos como clima e terreno) e o “*organismo* gramatical” (*ibid.*: 30).

Mais adiante, saberes da Medicina presentificam-se por meio de colocações como: “a Linguística externa pode acumular pormenor sobre pormenor sem se sentir *apertada no torniquete* dum sistema.” (*ibid.*: 31).

O discurso saussuriano estabelece, ainda, relação com saberes da formação discursiva da Astronomia: o sistema da língua é comparável ao sistema solar (*ibid.*: 100), e o

³ Textualização, como se sabe, não ocorre apenas com textos escritos, mas, igualmente, com textos orais.

pensamento, a uma nebulosa (*ibid.*: 130). Já o signo é comparável a uma substância química, a água, uma vez que ambos somente se constituem por meio da junção indissolúvel de dois componentes: significante e significado, no primeiro caso; hidrogênio e oxigênio, no segundo.

As ondas linguísticas, por sua vez, propagam-se como ondas da Física, “partindo de um dado ponto e se irradiando” (*ibid.*: 239). E a relação sincronia/diacronia é diferentemente esclarecida através da afirmação de que, “para mostrar simultaneamente a autonomia e interdependência do sincrônico e do diacrônico”, é possível comparar a autonomia com “a projeção de um corpo sobre um plano”; assim, “toda projeção depende diretamente do corpo projetado e, contudo, dele difere, é uma coisa à parte”, tanto quanto o é a sincronia em relação à diacronia (*ibid.*: 103).

Uma consideração fundamental na teoria de Saussure é a de que as unidades do sistema estabelecem relações opositivas entre si. Ao falar sobre o que denomina como “fato gramatical” e a oposição de termos que este implica, o mestre genebrino menciona um tipo de formação de plural no alemão, que é o do termo *Nacht* para *Nächte*, e é nesse momento, então, que aparece articulado ao seu discurso saberes da Matemática, como se pode perceber através da seguinte colocação: “pode-se expressar a relação *Nacht* : *Nächte* por uma fórmula algébrica a/b onde a e b não são termos simples, mas resultam cada um de um conjunto de relações. A língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos” (*ibid.*: 141).

Mas a língua, além de álgebra, é também uma sinfonia (*ibid.*: 26), com o que o sujeito-professor-cientista evoca, pois, o domínio da Música. E o sistema fonético, por seu turno, é comparável a um piano: o manejo do primeiro leva à articulação de palavras tanto quanto o do segundo, à execução de “uma peça” (*ibid.*: 111). Ainda no âmbito dos fonemas, encontra-se a afirmação de que tomar um dado fonema isoladamente é como fazer o mesmo em relação a uma nota musical, uma vez que ambos, fora de um conjunto, só podem ser considerados “*in abstracto*” (*ibid.*: 51).

Ao tratar das relações paradigmáticas e sintagmáticas (dois eixos que sustentam as relações entre termos linguísticos, conferindo-lhes, aliás, seu valor) o sujeito mobiliza saberes do campo da Arquitetura: uma unidade linguística é comparável a “uma parte determinada de um edifício, uma coluna, por exemplo”. E prossegue Saussure (*ibid.*: 143):

a coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; essa disposição de duas unidades igualmente presentes no espaço faz pensar na relação sintagmática; de outro lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jônica, coríntia etc.), que são elementos não presentes no espaço: a relação é associativa.

A relação é associativa e, portanto, paradigmática. E nessa mesma linha, a palavra é comparada a uma casa: “A palavra é como uma casa cuja disposição interior e destinação tivessem sido alteradas em várias ocasiões” (*ibid.*: 214).

Pode-se identificar ainda, no discurso em exame, uma relação da FD da Linguística com saberes do Direito, através da formulação segundo a qual língua não é um *contrato* “puro e simples”, mas, sobretudo, uma “*herança*” (*ibid.*: 85).

Quanto aos saberes da Geografia, os mesmos se fazem presentes no questionamento sobre a hipótese segundo a qual a classificação (morfológica) das palavras em substantivos e adjetivos, por exemplo, seria feita “em nome de um princípio [...] aplicado de fora à gramática, como os graus de longitude e de latitude ao globo terrestre” (*ibid.*: 127).

Finalmente, atente-se para o modo como saberes da Economia aparecem costurados ao discurso da Linguística saussuriana. Veja-se esta passagem do *CLG*, extraída da página 156:

A Linguística estática ou descrição de um estado de língua [lembrando que Saussure ocupara-se basicamente da sincronia] pode ser chamada de Gramática, no sentido muito preciso e ademais usual que se encontra em expressões como “gramática do jogo de xadrez”, “gramática da Bolsa” etc., em que se trata de um objeto complexo e sistemático, que põe em jogo valores coexistentes.

Um jogo entre valores coexistentes, uma “gramática da Bolsa”... Que Bolsa? Parece que cabe aqui pensar em toda uma série de dizeres sobre a chamada “Bolsa de Valores”, a qual remete às questões de Economia. Também em outras colocações (conferir, no *CLG*, as páginas 134 e 137), pode-se perceber a equivalência entre uma unidade linguística e uma moeda, por exemplo, cujos valores decorrem das relações que estabelecem com outras unidades de seus sistemas (o linguístico e o monetário).

E se a grande novidade, como diz Normand (1990), era constituir uma teoria da língua como sistema de valores, torna-se possível constatar então que, em relação aos demais saberes (de outros domínios) que aparecem costurados ao discurso da Linguística saussuriana, aqueles provenientes da formação discursiva da Economia parecem estabelecer uma relação de aliança mais “forte” com os saberes da FD da Linguística.

O que precede permite constatar o quanto os domínios de saber não correspondem a blocos fechados, imunes ao contato com determinadas parcelas de saber inscritas nos mais diversos campos de conhecimento. Ao contrário: é justamente por ter fronteiras instáveis, móveis, que uma formação discursiva – não sendo, pois, fechada em si mesma – permite todo

esse “trânsito”, toda essa ressonância de outros discursos, sem que, no entanto, tal FD venha a desconfigurar-se.

A costura dos diferentes saberes interdiscursivos, efetuada pelo sujeito, permite ainda entrever a tentativa deste último de direcionar, de algum modo, a atribuição de sentidos (pelos discentes) aos dizeres, tentativa esta profundamente típica do discurso pedagógico.

CONCLUSÃO

Ao tomar-se o texto do *CLG* como materialidade discursiva, as indagações que surgiram diante do discurso da Linguística saussuriana levaram à construção de diversas “escutas” para investigar tal discurso. Essas “escutas”, por sua vez, permitiram ouvir uma série de “vozes” que remetiam a outros domínios de saber. Vozes, portanto, que não eram de Saussure, nem mesmo dos editores-autores, e sim de uma multiplicidade de outros teóricos, sujeitos estes constituídos como tais em formações discursivas as mais variadas.

Investigar o discurso da Linguística saussuriana permitiu perceber que esta ciência entretece diferentes saberes no processo de sua constituição, não exatamente apenas para constituí-la, mas, antes, para sustentá-la em suas formulações e método e para facilitar, de alguma forma, sua compreensão. Na dialética entre o abstrato da teorização e o concreto do mundo empírico, Saussure, na posição de sujeito-professor-cientista, procura estabelecer as mais diversas relações, pretendendo que aos “seus” dizeres (segundo a versão que destes é dada no/pelo *CLG*) possam ser atribuídos os sentidos almejados.

Ocorre que, como se sabe, nunca é possível, de fato, controlar a direção na qual serão atribuídos sentidos aos dizeres, e, por isso, o *Curso* é, até hoje, um livro cujas leituras são tantas e tão diversas, às vezes até mesmo contraditórias. Tanto que não seria de se duvidar que o *CLG* e seus gestos de leitura causassem espanto ao próprio Saussure, se este pudesse ver a ele atribuídas certas formulações talvez por ele nunca enunciadas, e gestos de interpretação talvez por ele nunca efetuados. Mas, seja como for, algumas das maiores riquezas do *Curso* são, certamente, estas que se seguem: o desafio que sua leitura propõe e o esforço, por parte dos editores, de tornar imortal um notável, corajoso e basilar pensador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DE MAURO, Tullio. *Cours de linguistique générale* – Édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot, 1972.

2. FLORES, Valdir do Nascimento. Ler Saussure hoje: o Curso e os Anagramas. *Nonada*, ano 4, n.6, 2003.
3. INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana B. (Orgs.) *A leitura e a escrita como práticas discursivas: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Pelotas: Educat, 2001. p. 27-42.
4. NORMAND, Claudine. Le CLG: une théorie de la signification? In: _____. *La quadrature du sens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
5. PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993.
6. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1975. (Trad. de: *Cours de Linguistique Générale*, 1916, obra póstuma organizada por C. Bally e A. Sechehaye).

RESUMO: O presente artigo é enunciado desde uma posição não trivial: embora filiado à Análise do Discurso, não se ocupa de clássicas indagações que esta teoria dirige à Linguística, e sim se interessa, notadamente, pela análise do “discurso da Linguística saussuriana”, graças ao qual a Linguística se consagrou enquanto ciência. Assim, ao tomar por *corpus* o *Cours de Linguistique Générale* e enfatizar que o referido livro não foi escrito por Saussure, este trabalho analisa algumas sequências discursivas ali presentes, a fim de pensar a “costura” de saberes e os efeitos de sentido nessa materialidade e responder às seguintes questões: que outros discursos atravessam o discurso da Linguística saussuriana? Que espécie de relações tal discurso estabelece com saberes de outras procedências interdiscursivas?

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; imaginário; sentido.

ABSTRACT: This text is produced from a non trivial view: although it is affiliated with Discourse Analysis, it does not take the classical questions that such theory addresses to Linguistics, but it is notably interested in examining the “Saussurean Linguistics discourse”, such discourse by virtue of which Linguistics has been consecrated as a science. So, by taking for *corpus* the book *Cours de Linguistique Générale* and by emphasizing that the referred book was not written by Saussure, this paper analyses some discursive sequences, in order to think about knowledge “sewing” and meaning effects on such materiality, and in order to answer the following questions: how many other discourses cross the discourse of the Saussurean Linguistics? What kind of relations is established with certain knowledge from distinct interdiscursive provenances?

KEYWORDS: metaphor; imaginary; meaning.

Recebido no dia 19 de agosto de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 13 de fevereiro de 2010.